

# ARTES DE FAZER, MODOS DE VIVER: AS CIRANDEIRAS DE CAIANA DOS CRIoulos E A ARTE DE INVENTAR O COTIDIANO

Maria Lindaci Gomes de Souza<sup>1</sup>

Janailson Macêdo Luiz<sup>2</sup>

## Introdução

O artigo apresenta as idéias gerais que constam em um projeto de pesquisa a ser desenvolvido sobre o cotidiano da comunidade Caiana dos Crioulos, localizada na zona rural do município de Alagoa Grande, Brejo da Paraíba. Esta comunidade localiza-se a aproximadamente 8 km de Alagoa Grande e 122 km de João Pessoa. A Caiana dos Crioulos é formada principalmente por pessoas negras e recebeu o certificado da Fundação Cultural Palmares<sup>3</sup>, como sendo constituída por remanescentes quilombolas.

Nossa atenção estará voltada para o grupo de cirandeiras que existe nesta comunidade, mulheres que se uniram para “brincar” coco de roda e ciranda, e que com isso mantêm vivas determinadas manifestações culturais típicas do seu local de origem. Ao desenvolver este estudo, temos como objetivo central identificar as *artes de fazer* utilizadas por estas cirandeiras, bem como os modos de viver que se contrapõe, no dia-a-dia, a determinadas estratégias de homogeneização que desvalorizam as culturas de grupos “subordinados” da sociedade, como é o caso das populações negras.

Além disso, também buscaremos analisar a importância que essas manifestações culturais adquirem no cotidiano da comunidade, perceber mudanças e continuidades entre a ciranda do presente e as cirandas do passado e ter um melhor entendimento de táticas utilizadas pelos sujeitos históricos na invenção dos seus cotidianos e na vivência da historicidade.

---

<sup>1</sup> Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); Líder do Grupo de Pesquisa História e Cultura Afro-Brasileira (UEPB/CNPq); Integrante do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e dos Povos Indígenas (Neab-Í) da UEPB; Pró-Reitora Adjunta de Extensão e Assuntos Comunitários da UEPB.

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura em História pela UEPB; Membro do Grupo de Pesquisa História e Cultura Afro-Brasileira (UEPB/CNPq); Bolsista do programa de iniciação científica (PIBIC/CNPq/UEPB); Integrante do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e dos Povos Indígenas (Neab-Í) da UEPB.

<sup>3</sup> Órgão pertencente ao Ministério da Cultura.

Para tal feito, utilizaremos principalmente fragmentos de memórias expressos nos relatos orais de vida das cirandeiras de Caiana dos Crioulos, fontes reunidas através dos métodos da história oral.

### **Relevância do estudo**

A abordagem que pretende mostrar, através do uso da memória, como as cirandeiras de Caiana dos Crioulos inventam as suas vidas e o cotidiano, muitas vezes em detrimentos de situações bastante adversas, não é importante só por dar a conhecer as reações dos grupos ditos subordinados da sociedade, mas também por mostrar que apesar de uma série de *estratégias* de controle e exclusão construídas historicamente, as pessoas que fazem parte desses grupos continuam a ser sujeitos históricos, vivendo e construindo a historicidade, produzindo a si mesmos e a história a cada dia, sendo afetados e afetando os outros instante a instante e somando os seus movimentos com os das outras bilhões de gotas que se perdem na imensidão do oceano da história.

Consideramos que este estudo servirá de subsídio às ações de pesquisa do *Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e dos Povos indígenas* (Neab-Í) e do *Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica* (Nudoph), ambos da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O primeiro objetiva incentivar estudos e ações que abordem as histórias do povo negro no estado, já o segundo pretende estimular a pesquisa histórica na Paraíba de modo mais amplo e a reunião de fontes que possam servir de bases para abordagens nas diversas linhas de pesquisa histórica.

A nossa pesquisa faz parte de um projeto maior, que é a escrita de um livro didático sobre as comunidades quilombolas na Paraíba, desenvolvido pelo grupo de pesquisa da UEPB intitulado *História e Cultura Afro-brasileira*. Nesse sentido, acreditamos que a execução desse projeto e concretude da referida obra didática servirão de auxílio às práticas pedagógicas dos professores de ensino fundamental e médio do nosso estado, no sentido da construção de um ensino de história que leve em conta as diversidades culturais das nossas populações, colocando em prática o que reza a lei 11.645.<sup>4</sup>

Acreditamos também que o nosso estudo irá contribuir com as pesquisas sobre a História Local de Alagoa Grande e da comunidade Caiana dos Crioulos, especialmente com relação à preservação da memória e do patrimônio imaterial destes lugares, dos saberes e

---

<sup>4</sup> Que traz a obrigatoriedade do ensino das histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas em todos os estabelecimentos de ensino fundamental e médio do país.

fazeres que são ali transmitidos, geração após geração, por meio da memória, oralidade e experiências (RAMOS, 2008).

A preservação do patrimônio imaterial no nosso país é regulamentada pelo Decreto nº 3.551/2000, que institui o registro dos bens imateriais e cria o programa nacional do patrimônio imaterial, entretanto, esta preservação vem sendo ainda pouco realizada na Paraíba. Nesse sentido, os resultados desta pesquisa irão contribuir para ampliação da preservação do patrimônio imaterial de Caiana dos Crioulos. As fontes orais reunidas poderão futuramente fazer parte de “arquivos orais” na comunidade, no Neab-í e no Nudoph, e serem utilizadas em futuras abordagens por outros sujeitos.

### **Caminhar da pesquisa**

Trabalharemos na pesquisa principalmente com fontes orais. Desta forma, nossa atenção estará voltada para os relatos orais de vida das Cirandeiras de Caiana dos Crioulos. Algumas dessas mulheres, em contatos prévios, mostraram ter relatos que podem constituir fontes importantes para o entendimento de como os sujeitos vivem a sua historicidade e recriam o dia-a-dia, muitas vezes se contrapondo a situações bastante adversas. Nesse sentido, entrevistaremos um total de dez mulheres cirandeiras de Caiana dos Crioulos, entre as mais velhas ou que a mais tempo estão ligadas a ciranda e ao coco de roda.

A primeira etapa do nosso estudo estará voltada para pesquisas bibliográficas, leituras e produções de fichamentos temáticos sobre os temas abordados na pesquisa. Entre eles podemos destacar discussões historiográficas, teóricas e metodológicas relacionadas a questões étnico-raciais, cotidiano, História Oral, Memória e comunidades formadas por remanescentes quilombolas.

Acreditamos que outras fontes bibliográficas, audiovisuais e iconográficas, além das que já constam no projeto, serão úteis para o desenvolvimento dos nossos objetivos e ajudarão na caminhada rumo ao esclarecimento dos problemas formulados. Assim, buscaremos outras produções realizadas sobre a Caiana dos Crioulos, como artigos de jornais, iconografias, reportagens e pesquisas acadêmicas, além de produções da própria comunidade, como, por exemplo, os dois CD's de ciranda e coco de roda gravados nos últimos anos no local, com apoio do projeto *Memória Musical da Paraíba*.

Em um outro momento, serão realizados os primeiros contatos com a comunidade Caiana dos Crioulos. Aqui faremos observações gerais sobre o local, sua organização,

estruturação e cotidiano. Este é o ponto, durante a realização da pesquisa, onde se iniciarão os contatos com as cirandeiras.

Após um período de aproximação inicial, partiremos para a realização das entrevistas, que serão gravadas, e do processo de transcrições dos relatos coletados. Como já foi dito, as nossas fontes principais são os relatos orais de vida, onde os sujeitos falam de determinadas situações que fazem parte das suas memórias pessoais ou coletivas (LANG, 1996).

Se por um lado, durante as pesquisas e leituras serão produzidos fichamentos temáticos relativos ao material consultado, por outro, após as entrevistas serão feitas anotações sobre questões pertinentes observadas em qualquer etapa da fala das entrevistadas e da visita à comunidade.

Por último, realizaremos as análises das fontes orais selecionadas, que serão cruzadas com as fontes bibliográficas e com as abordagens teóricas, formando uma rede, que como acreditamos, nos permitirá entender melhor os modos como as cirandeiras, através das suas *artes de fazer*, constroem os seus dia-a-dias e provocam micro-movimentos e circulações nas águas do oceano das práticas cotidianas, onde todos nós estamos imersos.

Contudo, as experiências de outras pesquisas nos mostram que durante este cruzamento pode tornar-se necessária a realização de leituras complementares que auxiliem a análise das fontes ou preenchimento de lacunas ainda existentes. É comum que a resolução dos problemas inicialmente propostos nos levem não a respostas definitivas, mas a outros questionamentos ainda mais complexos e aprofundados. O que entendemos ser um sinal de amadurecimento da pesquisa e do saber, que deverá, assim esperamos, nos levar a outras buscas, análises e a outros conhecimentos.

### **Cotidiano e *artes de fazer* em Caiana dos Crioulos**

A ciranda e o coco de roda fazem parte do cotidiano de Caiana dos Crioulos e estão bastante presentes nas práticas e na memória do grupo. A tal ponto que as mulheres desse local não tem “lembrança quanto à data de início das danças em suas vidas, o que se sabe é que elas aprendem a ciranda e o coco desde pequenas, e que são estimuladas a participarem das rodas para que aprendam as cantigas e passos” (TRAVASSOS; CARVALHO, 2008: 9).

Estas aprendizagens se relacionam bastante com o que Certeau (*Op. cit.*: 41) entende como maneiras ou *artes de fazer*, que “constituem as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural”. Se por um lado, as culturas dominantes criam *estratégias* de controle e disciplinarização, por outro, os

sujeitos, se utilizam de *táticas* para se desviar destas *estratégias*, que não os controlem por inteiro, mas das quais eles não podem fugir totalmente (*Id. Ibid.*: 41). Assim:

A ordem efetiva das coisas é justamente aquilo que as táticas “populares” desviam para fins próprios, sem a ilusão que mude proximamente. Enquanto é explorada por um poder dominante, ou simplesmente negada por um discurso ideológico, aqui a ordem é representada por uma arte. (*Id. Ibid.*: 88)

Várias pesquisas mostram como emergiram e se manifestaram no decorrer da história, o racismo e o preconceito para com os negros e outros grupos existentes na sociedade (SANT’ANA, 1999). A idéia de que o preconceito no Brasil com relação aos negros existe, assim como para com mulheres, indígenas, nordestinos, entre outros, já aparece nos meios acadêmicos e na sociedade como um todo, mesmo que seja de forma velada e ainda vista como tabu (ALMEIDA, 2007).

Recentemente, mais uma destas pesquisas mostrou que o preconceito de cor está presente no nosso país: “Seja como for, esse preconceito é grande e arraigado entre nós, podendo mesmo ser detectado em pesquisas quantitativas” (*Id. Ibid.*: 25). Todavia, ainda existe uma lacuna muito grande no que tange as reações dos sujeitos a estas práticas.

Contudo não podemos nos contentar com visões simplistas e/ou deterministas que consideram as pessoas como sendo fabricadas de fora e por isso incapazes de serem elas mesmas sujeitas das suas vidas e da história. Desta forma, compactuamos com a concepção de defende que:

A presença e a circulação de uma representação (...) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização (CERTEAU, 2007: 40).

Michel de Certeau, além de sua contribuição acerca do entendimento de como é feita a escrita da história, principalmente no que se refere à *operação historiográfica*, também contribuiu com o saber histórico quando teorizou sobre a invenção do cotidiano. Certeau mostra como o homem ordinário, na vivência da historicidade, inventa o cotidiano não aceitando passivamente o que o saber técnico tenta lhe impor, lançando para isso mão de

*táticas* em reação as *estratégias* que são montadas para lhe controlar e disciplinar. Estes usos de táticas constituem as *artes de fazer*, que são em suma, as armas do fraco contra o forte, de um não-lugar frente a um lugar de poder (CERTEAU, 2007).

Linguagem, memória e oralidade são meios privilegiados de transmissão das *artes de fazer*, das *astúcias* dos sujeitos simples, comuns (*Id.*, 2008). Assim objetivamos, dialogando com a teoria certeuniana acerca da *Invenção do Cotidiano*, analisar o outro lado da questão e identificar, através do uso da memória, formas como as populações negras se reapropriam de determinados elementos culturais e de determinados espaços e os reinventam. Buscamos assim entender como estes sujeitos mesmo em situações bastante adversas, entre as quais, por exemplo, desvalorização da sua cultura, afastamento para lugares periféricos, convívio com discursos que apregoam sua inferioridade diante de outros segmentos e frente a tentativas de englobamento em uma cultura homogênea, constroem sua historicidade e seguem silenciosamente vivendo e produzindo a si mesmos e ao local onde habitam.

### **Considerações parciais**

Se olhássemos através das lentes de concepções simplistas, reducionistas ou fatalistas, teríamos tudo para acreditar que estar mulheres, que deram o nome de *Ciranda e coco de roda Margarida Maria Alves* ao seu grupo,<sup>5</sup> não seriam capazes de criar nenhum tipo de arte, reproduzindo passivamente o sistema, por que além de serem estigmatizadas como negras, também o são como mulheres, nordestinas, moradoras da zona rural e pessoas de baixa renda. No entanto, a *ordem efetiva das coisas* mostra-se bem diferente e merece um estudo mais detalhado, que leve em conta as especificidades do local, do grupo, da cultura, do tempo, do espaço e das ações efetivas dos sujeitos.

Em suma, pretendemos dar mais um passo na ampliação dos estudos acerca da história e cultura das populações negras no estado da Paraíba, principalmente no que se refere aos remanescentes de quilombos, haja vista que ainda existe muito pouco escrito sobre este tema, o que gera o silenciamento da história de agentes que tiveram e tem papéis importantíssimos na construção das sociedades paraibana e brasileira. Papéis que muitas vezes são desconsiderados e invisibilizados pela historiografia tradicional, por isso torna-se importante construir esta visibilidade, mostrando a diversidade cultural existente no nosso estado e a importância das populações negras na(s) História(s) Paraibana(s).

---

<sup>5</sup> Em homenagem a sindicalista de Alagoa Grande que foi assassinada a mais de vinte anos, ao que tudo indica a mando da elite canavieira da região.

## Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. P. 155-202.

\_\_\_\_\_. **Ouvir Contar**: textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 196 p.

ALMEIDA, Carlos Alberto. **A cabeça do brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 2007. 277 p.

ARANHA, Gervásio Batista. A história renovada: A emergência dos novos paradigmas. **Saeculum**: revista de história. João Pessoa, n. 4/5, p. 41-73, jan/dez. 1998/99.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História**: da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis: Vozes, 2005.

BRASIL. Decreto n. 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. **Lex**: Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/decreto/D3551.htm>>. Acesso: 18 de mai. 2008.

BRASIL. Decreto n. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. **Lex**: Disponível em: <<http://www.mds.gov.br>>. Acesso: 28 de mai. 2008.

BRASIL. Lei n. 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Lex**: Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso: 08 de jun. 2008.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2007. 351 p.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 2008. 372 p.

CHAUVEAU, Agnes (org.); TETÁRT, Philippe (org.). **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999. 132 p.

D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multiculturalismo**: racismos e anti-racismos no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. 248 p.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Ensino de História e Diversidade Cultural**: Desafios e Possibilidades. Disponível em: <<http://www.unicamp.br>> . Acesso: 20 abr. 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

- GONÇALVES, Regina Célia. A história e o Oceano da Memória: algumas reflexões. **Saeculum**: revista de história. João Pessoa, n. 4/5, p. 13-39, jan/dez. 1998/99.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral: Muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe (Org.). **(Re) Introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- MELO, Josemir Camilo de. Quilombos na berlinda. **Paraibaonline**, Campina Grande, 19 de mai. 2007. Disponível em: <<http://www.paraibaonline.com.br>>. Acesso: 29 mar. 2008.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 2003. 153 p.
- \_\_\_\_\_. História e memória: combates pela história. **História Oral**: Revista da Associação Brasileira de História Oral. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 27-42. jan/jun. 2007.
- MORIN, Edgar. A necessidade de um pensamento complexo. In: MENDES, Candido (org). **Representação e complexidade**. Rio de Janeiro, Garamond, 2003. P. 69-78.
- MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Disponível em: <[www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br)>. Acesso: 20 nov. 2006.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun.1989.
- \_\_\_\_\_. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, ago. 1992.
- RAMOS, Leila Martins. O papel da tradição oral na constituição do patrimônio cultural e na formação de identidades de comunidades quilombolas no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 9., 2008, São Leopoldo. **Anais do IX Encontro Nacional de História Oral**. São Leopoldo: Editora Oikos, 2008. P. 1-11.
- SANT'ANA, Antônio Olímpio de. **História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados**. In: MUNANGA, Kabengele. (Org). *Superando o Racismo na Escola*. 2 ed. Brasília: Mec/Secad, 1999. P. 39 -67.
- SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do “ser negro”**: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002. 176 p.
- TRAVASSOS, Lorena; CARVALHO, Nadja. **Serena, Serená**: Um documentário sobre a memória da cultura paraibana. Disponível em: <[www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)>. Acesso: 08 de jun. 2008.